

MITOS, RITUAIS E SUPERSTIÇÕES: EXPEDIENTES ATENUANTES DA TANATOFOBIA

Sonia Sirtoli Färber*

Resumo

Este artigo apresenta a hermenêutica dos mitos da morte, promovida pelo senso comum, como geradora de superstições que subjazem rituais e práticas populares, com intuito de atenuar o medo e afastar a morte e os males. O artigo é resultado de revisão bibliográfica de textos mitológicos e de resultados de pesquisas na área das ciências sociais. Na mitologia, a morte é apresentada antropozoomorficamente, e está inculcada no imaginário popular requerendo explicações. O enigma da morte reclama por inteligibilidade e nexos, fazendo com que as sociedades criem seus mitos, e as religiões seus arrazoados. O modelo civilizatório contemporâneo subtrai os meios necessários para fortalecimento dos relacionamentos interpessoais e tessituras afetivas, enquanto que na mitologia, até a morte tem família: Noite, Escuridão e Sono. Na dinâmica social a morte e seu espectro se tornam reduto para onde confluem as energias represadas e angústias reprimidas.

Palavras-chave: Morte. Superstições. Mitos.

Abstract

This article presents the hermeneutics of the myths of death, promoted by common sense, as a generator of superstitions that underlie rituals and popular practice in order to reducing the fear and departing death and evil. Death personified antropozoomorficamente occupies limited space in popular imagination and requires explanation. The enigma of death claims for intelligibility and meaning so that, in cultures, societies create myths, and religions reasoning. The article is the result of a literature review of mythological texts and results of research in social science, and concludes that fear and guilt resulting from the deformation of knowledge. Death and its spectrum, Thanatos and their families become refuge to which converge the repressed energies and suppressed anguish reaching position of triumph and object of desire of many.

Keywords: Death. Superstitions. Myths.

Introdução

Das realidades possíveis de acontecer no fluxo da existência e dos contatos humanos, nenhuma é cercada de tanto cuidado, e mantida como tabu, quanto a

* Doutoranda em Teologia, Leitura e Ensino da Bíblia, pela EST, São Leopoldo-RS. Mestra em Teologia pela EST, São Leopoldo-RS. Bacharel em Teologia pela FAMIPAR, Cascavel-PR. Especialista em Docência do Ensino Superior, pela UNIPAN. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Membro da Rede Nacional de Tanatologia. O presente trabalho foi realizado com o apoio do CAPES. clafarber@uol.com.br

morte, pois vida é uma constante luta entre o ser e não-ser¹. As pessoas não vivenciam os mesmos eventos nem são acometidas pelos mesmos sofrimentos, mas, a morte é comum a todos e, ser consciente desta realidade inescapável faz com que, de alguma forma, as pessoas tentem afastá-la. Alguns se defendem por meio do autocuidado, da atenção à saúde e promovendo melhor qualidade de vida, outros se apegam às superstições, mitos e rituais para superar a tanatofobia. As precauções, geralmente, estão radicadas no entendimento de que a morte acontece como castigo, como descuido ou como consequência de alguma forma de mal enviado por um inimigo.

Sendo a morte devida ao mau olhado ou à ação de um mau espírito ou de terrível xamã, é necessário saber proteger-se, libertando esse espírito. Pode-se interrogar os presságios, os sinais da natureza (tempestade, terremoto, etc.), a astrologia e as muitas divinações, a fim de se determinar e evitar essas eventualidades funestas. São fabricados talismãs, “caixas nas quais são encerradas influências”, na feliz expressão de Paracelso. A pessoa pode pôr-se sob a proteção de talismã, de fetiche, de amuleto, de serafim, de “pentáculo emissor fluídico”, como o chama Marquês-Rivière, mas recorrerá principalmente à oração, a proteção que ainda é a mais eficaz, com seu sinal-da-cruz ou sua caixa poligonal contendo o Corão. São medidas que permitem retardar o desenlace...²

A Morte personificada antropozoomorficamente como corvo, ceifador ou caveira encapuzada ocupa espaço delimitado no imaginário popular e requer explicações. Tal enigma reclama por inteligibilidade e nexos fazendo com que, nas culturas, as sociedades criem seus mitos, e as religiões seus arrazoados; estes clamam por revisão, por sua polissemia e por não responderem aos grupos humanos de forma holística.

O mito de *Thánatos* exige exercício semiótico para alcançar seu escopo original, pois, no ocidente pós-moderno o mito da morte vencida e triunfante, ganha novas interpretações.

Thánatos é a personificação da morte, com quem os humanos se confrontam e tentam ludibriar. Se, por um lado, no mito original, *Thánatos* é enviado para levar Sísifo para o reino dos mortos, mas este ganha tempo elogiando sua beleza, no imaginário contemporâneo, a morte é adiada por procedimentos estéticos

1 PALUMBIERI, Sabino. Lo Scasso Supremo: la morte. In: *L'uomo, questo paradosso*. Roma: Urbaniana University Press, 2000. p. 315.

2 BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*. Morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.p. 52.

e pela constante busca pelo elixir da longevidade. Por outro lado, a espera pela intervenção de um deus para afastar a morte, como no mito de Midas salvo por Hércules, mantém a dinâmica do delírio mágico-religioso, para resolução do conflito com a morte, e da dialética entre a morrer e viver. Criogenia, clonagem humana e implementações biotecnológicas afirmam e recriam o mito de vencer a morte e de viver para sempre.

O modelo civilizatório contemporâneo subtrai espaço e tempo necessários para fortalecimento dos relacionamentos interpessoais e tessituras afetivas e familiares, enquanto que na mitologia grega, até a morte tem família: Noite, Escuridão e Sono. No livro de Jó 14,12-14 encontramos referências aos três deuses, ou titãs, da mitologia grega relacionados com o imaginário helênico sobre a morte. O mito grego diz que Θάνατος (morte) é irmão gêmeo de Ύπνος (sono), e que tem a função levar os ἄνθρωπος (homens) para a região dos mortos; e χρόνον (tempo) é o titã que matou seus filhos, devorando-os um a um.

Os sujeitos contemporâneos que, não ascendem ao *status* desejado e não dominam as competências reclamadas pelo seu grupo, tendem a se irmanar do sono, da escuridão e da noite, adentrando no mal-estar da pós-modernidade. *Thánatos* e seus familiares se tornam reduto para onde confluem as energias represadas e angústias reprimidas, alcançando posição de triunfo e objeto do desejo de muitos. A morte, eventualmente, converte pessoas em mitos, subvertendo a lógica do mito da morte. Entretanto, triunfo final obtém aquele que é imortalizado, paradoxalmente por ter morrido, assim aconteceu com nomes célebres. Vencedor é o morto, não a morte.

As feições da morte nos mitos

Os grupos humanos, segundo sua antropologia, cultura e folclore desenvolveram símbolos e conjuntos imagéticos sobre a morte, o morrer e o pós-morte. Ainda que difiram entre si, existem pontos em comum que remetem para um acervo coletivo de imagens, donde vertem para o específico de cada sociedade.

Como no teatro grego, em que as múltiplas faces do protagonista são expressas por suas feições e máscaras (*prosôpon*), acontece nas versões mitológicas e folclóricas da morte.

Caveira, ossos ou esqueleto encapuzado, coveiro, lápide, o acrônimo RIP (Requiescant In Pace) sobre uma lápide, cruz, foice, ampulheta, corvo, urubu, coruja são algumas das imagens que remetem à morte. Algumas dessas imagens são duplicadas ou cedem lugar a um elemento que se assemelhe a este, que seja mais familiar ao grupo e à região em que a sociedade está localizada. Exemplo comum é o simbolismo das aves de rapina, que se intercambiam de uma região para outra, mas sempre são evocadas como sinais da morte.

No imaginário popular o corvo é ave de mau agouro e prenúncio de morte, Esopo demonstra a presença deste mito na fábula a “gralha e o corvo”³, nos anos 500 a.C.:

Invejosa do corvo, a gralha sonhava com o mesmo tratamento que davam a ele: o corvo, como se sabe, é visto pelos homens como uma ave cujos gritos são cheios de presságios.

“Na cosmologia tupinambá, há uma divindade, ‘o senhor dos urubus’, encarregada de receber as almas dos mortos que chegam aos céus”.⁴ Segundo o folclore, de alguns Estados do Brasil, é a coruja a ave soturna que denuncia a morte: “Matintapereira, segundo a mitologia tupi, é uma pequena coruja que canta à noite para anunciar a morte próxima de uma pessoa.”⁵ A associação do corvo (ou abutre), e aves de rapina, com a morte é motivada pelo fato de essas aves alimentarem-se de cadáveres (Esopo, 1997, p.152; Freire, 1953, p.22) e, este é o elemento comum nas varias sociedades.

Matintaperera

Também, chamada de Matinta Pereira, Mati-Taperê, Mat-Taperê, Matim-Taperê, Titinta-Pereira -, segundo a lenda amazônica, é uma bruxa que se apresenta como uma mulher idosa, mas que se transforma em pássaro de mau agouro, espécie de coruja. O canto deste pássaro é prenúncio de males e mortes para aqueles que ouvem, especialmente, para os moradores da casa em que o pássaro pousa e canta.⁶ A presença folclórica desta entidade está de tal forma introjetada no imaginário popular que, muitos compositores e cantores a mencionam

3 ESOPPO. *Fábulas*. (500a.C.) Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 160.

4 MARTINEZ, Adriana Garcia. Urubu, o novo patinho feio. Disponível em <<http://super.abril.com.br/mundo-animais/urubu-novo-patinho-feio-436567.shtml>> . Acesso em 14. abr. 2012.

5 <http://filipebh.sites.uol.com.br/mitos/folcloricos.html>. Acesso em 14. abr. 2012.

6 ALIVERTI, Márcia Jorge. Uma visão sobre a interpretação das canções amazônicas de Waldemar Henrique. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 283-313, 2005. p. 297.

ou fazem dela o tema principal de suas canções. Possivelmente o verso mais conhecido é de autoria de Tom Jobim, popularizado por Elis Regina:

É pau, é pedra, é o fim do caminho.
 É um resto de toco, é um toco sozinho.
 É um caco de vidro, é a vida, é o sol.
 É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol.
 É peroba do campo, é o nó da madeira.
 Caingá candeia, é o matinta-pereira.⁷

A correlação entre a crença no mito de matinta-pereira e a morte é patente na letra da música, como o é na credulidade popular, que encontra no mito um instrumento de manutenção da vigilância ante aos sinais de infortúnio e a ameaça de morte presentes nos eventos e situações do cotidiano. O medo da morte faz com que as pessoas criem padrões de eventos que, sequenciados, culminam com a morte. Pode ser uma mudança repentina do clima, um assovio de ave de rapina, a passagem de um andarilho com feições soturnas. A morte é lida em retrospectiva por aqueles que tentam refreá-la, para isso, reconstituem os últimos eventos da comunidade e as últimas horas de vida do morto, para encontrar ali, elementos recorrentes que antecedem a “chegada” da morte.

Morte personificada

Na cultura popular a morte é um ente, um ser que tem “vida própria” (trocadilho e antítese inescapável). No repertório imagético da morte a figura emblemática é do esqueleto encapuzado, presente na cultura esotérica do tarô no arcano 13⁸, na literatura infantil e gravuras dos gibis, a exemplo do personagem “Dona Morte”, de Maurício de Souza⁹, ou em seu alterego americano, a sexualizada “Death” com pingente de cruz ankada, nos *comics* de Neil Gaiman¹⁰. “O esqueleto ou sua redução na forma do crânio sempre estiveram presentes nas reflexões

7 JOBIM, Antônio Carlos. Águas de Março. In: *Matita Perê*. Direção de produção: Eduardo Athayde. Columbia, New York: Philips, 1973. Long Play 12.

8 TIMÓTEO, Vanderlei Oliveira de. *A notícia da morte na capa do jornal: um estudo da midiaticização da morte na notícia sobre mortos que é capa do jornal Estado de Minas*. 2010. 115f. Dissertação de Mestrado (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). Belo Horizonte, 2010. p.15. (cf. anexo 1)

9 Maurício de Souza explica a origem da personagem de gibi, “Dona Morte”, da turma do Penadinho. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/mauricio/cronicas/cron285.htm>> . Acesso em 28. Jun. 2012. Cf anexo 2.

10 Cf. Anexo 3.

acerca das representações da morte em diversas culturas do mundo”.¹¹ Está presente na iconografia que perpassa de Pompéia a Évora¹² e da cultura religiosa da romana à asteca¹³. O esqueleto/caveira recorda a efemeridade da vida e a mortalidade humana, argumento importante nos ensinamentos religiosos; mas, que, quando não assimilado de forma apropriada, é elemento facilitador de interpretações supersticiosas.

Zumbis, vampiros, fantasmas, monstros e almas penadas

No acervo mítico, que tenta delimitar o contato da morte com os vivos, são recorrentes as figuras de transição entre a vida e a morte: zumbis, vampiros, fantasmas, monstros e almas penadas. As lendas são povoadas por estes entes que, se por um lado mantêm a ideia da sobrevivência além-túmulo, por outro apresenta a morte que espreita os vivos e que está presente no cotidiano, além de possuir a marca da volatilidade que impossibilita o acesso às respostas, que paradoxalmente, provocam e cultivam a crença nestes seres: O que é a morte? É possível ludibriá-la e vencê-la?

Esses espaços epistemológicos entre os ossos do monstro constituem a conhecida fenda da *différance* de Derrida: um princípio de incerteza genética, a essência da vitalidade do monstro, a razão pela qual ele sempre se ergue da mesa de dissecação quando seus segredos estão para ser revelados e desaparece na noite.¹⁴

A instrumentalização dos personagens desses mitos, como recurso para atenuar a tanatofobia, tem sido amplamente verificada nas mídias atuais. Enquanto

11 LEITE, Arley. O crânio Mesoamericano: ressonâncias do Barroco ao Ultrabarroco. In: Palíndromo: Teoria e História da Arte. Florianópolis: Universidade do Estado De Santa Catarina – UDESC, 2011. n.6, p. 53.

12 A capela dos ossos, na cidade de Évora-Portugal, é uma das sete igrejas católicas adornadas com ossos humanos, as outras são: 1. O ossuário do antigo cemitério do mosteiro cisterciense de Sedlec, em Kutna Hora, na República Checa; 2. Antigo cemitério dos monges capuchinhos na Igreja de Santa Maria della Concezione, Roma, Itália; 3. Ossuário de cidade de Brno, República Tcheca; 4. Capela de caveiras, Czermna, Polônia; 5. Catacumbas de Paris guarda ossos provenientes do antigo cemitério de Saint Etiénne; 6. Torre das caveiras na cidade de Sin, na Sérvia, ao lado da Igreja ortodoxa da Santíssima Trindade. Disponível em: <<http://reporterdecriso.com/7-fantasticas-igrejas-e-construcoes-feitas-com-ossos-humanos/>>. Acesso em 30. Jun. 2012.

13 Mictlanteucuhli é o deus asteca, do mundo dos mortos, representado por um esqueleto, cf. LEITE, Arley. 2011. p. 64. Cf. anexo 4.

14 COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva,. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 27.

Nosferatu¹⁵ - clássico dos filmes de terror do cinema mudo -, apresenta um vampiro asqueroso, horripilante e repulsivo, reimagens apresentaram o vampiro como um ser movido por sentimentos complexos, traumas e lutos não resolvidos¹⁶, favorecendo a noção romântica do vampiro desajustado. Mas, foram as produções comerciais e séries, especialmente as americanas, no formato *soap opera*¹⁷, que popularizaram este personagem mítico, transformando-o em ícone do jovem rebelde dotado de poderes sobre-humanos. Morte e finitude são substituídas pela beleza e juventude, subvertendo a imagem clássica e assustadora do vampiro.

A fixação por estes personagens, por um lado está radicada na tentativa de manter a morte e seus agentes, sob controle, atraindo-os, encantando-os e sendo encantados por eles.

Temos uma vastíssima produção na cultura de mitos, lendas, figuras de religião que expressam de uma forma ou outra esse processo que tentamos descrever. São os nossos famosos vampiros, fantasmas, zumbis, que retornam do inanimado, ameaçando-nos. São metáforas, criações que não cessam de ser construídas e, atualmente, contamos com todo arsenal tecnológico da contemporaneidade contribuindo para multiplicar essas produções.¹⁸

Por outro lado, mortes, perdas afetivas e rompimentos de relacionamentos exigem que indivíduo reorganize sua vida e reposicione a figura da pessoa que se foi; quando este processo não acontece de modo saudável o enlutado pode entender-se “assombrado” pela presença da pessoa perdida; fazendo com que fantasie uma similaridade entre a sua vida e a existência destes seres míticos.

15 NOSFERATU, Eine Symphonie des Grauens (Nosferatu, uma Sinfonia do Horror). Produção de Enrico Dieckmann e Albin Grau. Direção de F.W. Murnau. Roteiro de Henrik Galeen, baseado em livro de Bram Stoker. Alemanha: Prana-Film, 1922. 80 minutos.

16 BRAM STOKER'S DRACULA. Produção de Francis Ford Coppola, Fred Fuchs, Charles B. Mulvehill . Direção de Francis Ford. Roteiro de James V. Hart, baseado na obra de Bram Stoker . EUA, Columbia Pictures / American Zoetrope / Osiris Films 1992. 130 minutos.

17 Vinte e três series americanas tem como argumento principal o vampirismo: 1. Angel. 2. Are You Afraid of the Dark? 3. Being Human. 4. Blade: The Series. 5. Blood Ties. 6. Buffy the Vampire Slayer. 7. Dark Shadows. 8. Fear Itself. 9. Kindred: The Embraced. 10. Kolchak: The Night Stalker. 11. Lua Vermelha. 12. Moonlight. 13. The Munsters. 14. Split . 15. Sobrenatural. 16. Tales from the Crypt. 17. The Gates. 18. The New Twilight Zone. 19. The Twilight Zone. 20. True Blood. 21; The Twilight Zone. 22. The Vampire Diaries. 23. Young Dracula.

18 MENDLOWICZ, Eliane. O luto e seus destinos. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, Dec. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982000000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 Jun. 2012.

Tentativas de precaver-se da morte

As águas e a morte

Viver para sempre é o desejo incancelável do ser humano, visto que sua constituição reclama pela vida e a morte frustra esta sua orientação. No âmbito do ideal, porém, viver para sempre não é o suficiente. Viver para sempre jovem é a fantasia que melhor responde aos apelos do ser que, não se entende envelhecido, mas reconhece-se como tal, ao confrontar-se com o espelho e com os olhos alheios.

No folclore e nas crenças produzidas pelas várias culturas, no percurso da história humana, é recorrente a noção de o morto descer às profundezas da Terra ao ser depositado na terra. O cadáver é efetivamente morto ao desaparecer sob a terra, o abismo ou as águas. O conceito de habitação subterrânea dos mortos está presente na mitologia grega, na qual o *Hades* é, simultaneamente, região dos mortos, deus e soberano do lugar. Também, na literatura veterotestamentária e no pensamento semita, a região dos mortos é o submundo, onde aqueles que morreram permanecem inconscientes: o *Sheol*. No pensamento romano esta habitação, localizada no mundo inferior, é o *infern*: o inferno. Com o tempo a linguagem e o imaginário religioso convencionou que as profundezas da terra é a mansão dos mortos.

Desativando o lugar-comum, do pensamento acerca da vitória da morte que acontece ao fechar-se a terra engolindo o cadáver, na mitologia grega, Zeus transforma a ninfa Juventa em fonte, cujas águas têm a propriedade de rejuvenescer os corpos que nela submergirem.¹⁹

A busca por estas águas acompanha os indivíduos ao longo dos séculos, que veem na poção da eterna juventude a possibilidade de vitória sobre a morte, e o rechaço às mazelas impostas ao corpo humano, pelo tempo. Este ideal quimérico tem embalado gerações, inspirado artistas e resumido a afã humano de viver para sempre.

19 DIAS, Maria Heloisa Martins; OLIVEIRA, Sonia Helena; PITERI, Raymundo. (Orgs.). *A literatura do outro e os outros da literatura*. São Paulo: UNESP, 2012. p.15.

A maçã e a morte

No acervo mitológico grego, a ninfa Eris apresenta uma maçã de ouro que deve ser dada à deusa mais bela do Olimpo, lançando a discórdia entre as deusas Hera, Afrodite e Atena. Este será o pivô para a legendária guerra de Troia, bem como da origem do epíteto: “o pomo da discórdia”, atribuído à maçã.²⁰ Também, na mitologia grega, Hipômenes vence Atalanta na corrida jogando maçãs de ouro.²¹ E, por causa desse fruto da discórdia, Hércules ludibriou Atlas fazendo-o colher maçãs do jardim das Hespérides²² enquanto segurava a abóbada celeste, mas na volta impõe a ele novamente seu fardo e foge com os frutos dourados.

Na mitologia celta, a cartografia do além-túmulo, compreende a ilha dos imortais, a caverna dos mortos e a ilha da regeneração dos heróis: a “ilha das macieiras”²³.

O tema ‘maçã’ é uma constante na mitologia celta, um símbolo do renascimento: Avalon (ou Avalach): significava ‘A ilha das maçãs’ e era para lá que as almas iam para repousar e se curar, à espera de uma nova encarnação.²⁴

Iduna, a deusa da juventude, na mitologia nórdica, guardava maçãs mágicas em uma caixa para oferecer aos deuses. Comendo uma maçã encantadas por dia os sinais de envelhecimento desapareciam, mantendo os deuses eternamente jovens.²⁵

Nos mitos irlandeses os duendes são atraídos e alimentam-se de maçãs. Nos contos de fadas e nas histórias maravilhosas, está presente o mito da maçã como portadora da morte, exemplo clássico é a Branca de Neve.

Devido a um equívoco de tradução a palavra “mal” foi interpretada como “maçã”, na narrativa do pecado original, em Gn 3,3. Por isso, no imaginário religioso popular, a maçã passou a ser vista como o “fruto proibido” que, aliada à sentença bíblica “se comer, morrerá” forjou a associação entre maçã e morte. Desta interpretação foi criado o mito no qual Adão teria se engasgado com o caroço da

20 MURRAY, Alexander S. *Quién es quien en la mitología*. M. E. Editores, S. L.: Madrid, 1997. p. 115.

21 BULFINCH, Thomas. *O livro de mitologia: história de deuses e heróis*. Ediouro: Rio de Janeiro, 2005. p. 173

22 BULFINCH, 2005. p. 180.

23 BAYARD, 1996.p.155.

24 FAUR, Mirella. *Mistérios nórdicos: deuses, runas, magias, rituais*. São Paulo: Pensamento, 2007. p.109.

25 BULFINCH, 2005. p. 383.

maçã, fazendo com que todos os homens, levassem a marca deste “pomo de Adão”.

Interessante notar que, nas ilhas Canárias, a praxe mortuária é a do embalsamento, que prevê a retirada dos órgãos internos do cadáver, seguido de lavagem e aplicação de ervas, finalizando com uma mistura aromática que contém, entre outros elementos, o suco de maçã.²⁶

O medo da morte forjou o mito da maçã como símbolo da ameaça à vida, entretanto, nas sementes da maçã reside uma toxina que, se assimilada em grandes quantidades, pode causar intolerância, reações alérgicas e, em casos extremos, a morte²⁷, vale lembrar, porém, que, esta substância está presente em inúmeros outros vegetais²⁸ e, não está vinculada apenas a esta fruta.

Seja por medo da morte, ou por crença nos mitos, cada pessoa fará sua própria leitura deste fruto, pois “uma maçã tem um significado diferente para um verme, um cervo faminto, um poeta, um cientista ou alguém que não gosta de maçãs.”²⁹

As ervas e a morte

A falta de acesso ao conhecimento e à reflexão científica aliada à carência de recursos para debelar doenças, combater ou minimizar dores e sofrimentos, faz com que ritos supersticiosos sejam praticados, crendices mantidas e superstições sejam transmitidas. Mas, paradoxalmente, algumas crenças e superstições têm um registro de autenticidade. Clássico caso é do uso, bastante difundido, de plantas da família da *sansevieria* para purificar o ambiente e afastar o mal, a doença e a morte.

Entre as plantas mais conhecidas e utilizadas para rituais, poções e banhos³⁰, como armadura vegetal contra o mal e a morte, está a espada-de-são-jorge, presente nos jardins, nos canteiros próximos ao portão de entrada das casas,

26 BAYARD, 1996.p.105.

27 Disponível em: <<http://saude-info.info/alimentos-toxicos-que-nos-amamos-comer.html>>. Acesso em 18 jul. 2012.

28 NASCIMENTO, Isabela Belchiol do; SILVA, Ana Lucia Rodrigues da; LIMA, Jaqueline Rabelo de. *Toxinas naturalmente presentes em alimentos: Um risco potencial*. Disponível em: <http://www.annq.org/congresso2007/trabalhos_apresentados/T95.pdf>. Acesso em 26. Jul. 2012.

29 ANDREAS, Steve. Seis elefantes cegos. Vol 1. Tradução de Denise Bolanho. São Paulo: Summus, 2008. p. 282

30 CALVELLI, Haudrey Germiniani. Um olhar antropológico sobre as benzedeadas, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira. In: *Revista de Ciências Humanas*, 2011. Viçosa, v. 11, n. 2, p. 368.

nos vestibulos de edifícios e, mesmo, em entradas de prédios de universidades e comunidades religiosas.

As *sansevierias* são muito utilizadas na paisagística e na urbanização pela fácil adaptação e manutenção destas plantas suculentas, que suportam bem o calor, a aridez e a incidência de agentes poluentes. Daí a presença indispensável no chamado “vaso de sete ervas”³¹, amplamente utilizado em ambientes públicos e residenciais.

A ação benéfica das *sansevierias* não está em afastar o mal nos ares, enquanto entidades maléficas, inveja e outros sentimentos danosos, entretanto, estas plantas atuam como filtro extraíndo os gases e as toxinas que contaminam o ar, especialmente, de ambientes fechados, que utilizam ar-condicionado e que tem a presença de cola, verniz, tinta e outras substância tóxicas.

A NASA pesquisa, desde a década de 70, a utilidade das plantas (entre elas as *sansevierias*) para a descontaminação de instalações que sofrem com o fenômeno chamado “síndrome do edifício doente”, que, segundo o relatório *A Study of Interior Landscape Plants For Indoor Air Pollution Abatement*³² é causado pela má ventilação, ambientes fechados, e pela utilização de matéria-prima com compostos voláteis na fórmula, para produção de móveis, objetos, decoração e construções. Para dar exemplo e legitimidade à pesquisa, ou por motivos práticos de purificação do ambiente, foi apresentada pela NASA uma planta cultivada no módulo de serviço Zvezda da Estação Espacial Internacional.³³

Segundo um estudo realizado pela Agência Espacial Americana, a NASA, algumas plantas ornamentais, além de retirarem o dióxido de carbono (CO₂) dos ambientes, podem absorver gases tóxicos como benzeno e formol.³⁴

Outras plantas raras e bizarras atraem a atenção, provocando perguntas de difíceis respostas e exigindo maiores reflexões para poder tornar se inteligível, fato que contraria o senso comum, muito dado às respostas simplistas e reduções; têm-

31 NASCIMENTO, Ticianny Melo do. Estaquia foliar como método de propagação de sanseviérias (*Sansevieria trifasciata* e *Sansevieria* sp.) 2004. 91fls. Dissertação (Mestrado) – Instituto Agrônômico Campinas. Campinas, SP, 2004. p. 23.

32 JOHNSON, Anne; BOUNDS, Keith. *Interior Landscape Plants For Indoor Air Pollution Abatement*. 1989. Disponível em: <http://ntrs.nasa.gov/archive/nasa/casi.ntrs.nasa.gov/19930073077_1993073077.pdf>. Acesso em 28. dez. 2011.

33 Cf. foto disponível em: <<http://spaceflight.nasa.gov/gallery/images/station/crew-13/html/iss013e84326.html>>. Acesso em 27. Jul. 2012.

34 Disponível em: <<http://www.ecofashionmag.com/portal/2011/03/purificador-de-ar-100-natural/>>. Acesso em 28. dez. 2011.

se, assim, os elementos propícios para a criação de um mito ou superstição. Exemplo é a planta, vulgarmente conhecida como “drácula símia”³⁵, a *orchis simia* é uma orquídea rara, que mimetiza a cara de um macaco e possui sépalas que, lembram os dentes de morcego³⁶.

Ela foi descoberta e batizada pelo naturalista chileno Hugo Gunckel Luer. O fato interessante é que esta orquídea parece ter todas as feições de um macaco: olhos, nariz, boca e até uma espécie de juba. Trata-se de uma raridade que cresce em áreas de difícil acesso, a uma altitude de 1.000 e 2.000 metros, nas selvas do Equador e do Peru.³⁷

Mitos, crença e superstições com seus rituais e ensinamentos são apenas alguns elementos do universo criativo que tenta explicar e afastar a morte. O medo de sofrer e de ser esquecido acompanha o ser humano desde sempre, por isso, ele se engana produzindo expedientes que teriam o condão mágico de vencer a frustração suprema e a maior negação humana, a morte.

Conclusão

Enquanto a reflexão a respeito da morte avança paulatinamente, mas em ritmo desacelerado, na esfera acadêmica e científica; a morte, cotidianamente, marca a sociedade. O ciclo que se mantém e se refaz, no desenvolvimento do ser individualmente e da humanidade como espécie, este ciclo é ordenado pela própria constituição humana, que pode ser alterado, adiado ou negado, mas jamais interrompido. Entretanto, a mitologia oferece uma gama multiforme de opções para que a morte seja vencida e, como esporos que se lançam fecundando e mantendo a vida, estas proposições intermediárias retratam a obstinação humana em não ceder ao domínio do *Thánatos*.

Mitos não são meras construções literárias ou explanações bizarras e impossíveis, mas evocam situações nas quais pessoas comuns vivenciam experiências incomuns. O mito não responde a todas as perguntas nem fecha as

35 Cf. Anexo 5.

36 TRABANCO, Pedro Jesús Lopez. Estudio lingüístico de la fitonimia científica de las orquídeas desde una perspectiva multidisciplinaria. *Boletín de lingüística*, Caracas, v. 21, n. 32, dic. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0798-97092009000200005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 27 jul. 2012.

37 Disponível em: <http://www.jardimdeflores.com.br/CURIOSIDADES/A47flor_macaco.htm>. Acesso em: 27 jul. 2012.

questões, ao contrário, abre a possibilidade de reflexão e de busca para encontrar respostas criativas para problemas e impasses do cotidiano humano. E, nada está mais presente no cotidiano que a morte.

Com este quadro diante de si, indivíduos e comunidades se unem para encontrar respostas que aliviem o medo da morte, e ritos que atenuem a ansiedade em torno desta realidade tornada tabu. A ausência de crítica e a presença do medo é o binômio necessário para a criação de superstições e crenças em expedientes capazes de afastar os males e a morte.

Muitas dessas crenças não são destituídas de razoabilidade, entretanto, são adulteradas na transmissão dos conceitos e edulcoradas com novos mitos e noções estranhas à fonte originais. Maçã pode levar à morte? Sim. Em casos raros e extremos; assim como tantas outras frutas e vegetais. Espada-de-são-jorge afasta o mal dos ambientes? Sim. Se entendermos o mal como poluição, e os ambientes como lugares insalubres.

A análise dos mitos, dos rituais e das superstições como expedientes atenuantes da tanatofobia revela o requintado nível de instinto de preservação humana que, na falta de um arrazoado que torne inteligível suas práticas, envolve-as na bruma do mistério e na esfera do senso comum das práticas religiosas.

Referências

ALIVERTI, Márcia Jorge. Uma visão sobre a interpretação das canções amazônicas de Waldemar Henrique. *Estudos Avançados*, 2005. São Paulo, v. 19, n. 54, p. 283-313.

ANDREAS, Steve. *Seis elefantes cegos*. Vol 1. Tradução de Denise Bolanho. São Paulo: Summus, 2008.

BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários*. Morrer é morrer? Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1996.

BRAM STOKER'S DRACULA. Produção de Francis Ford Coppola, Fred Fuchs, Charles B. Mulvehill . Direção de Francis Ford. Roteiro de James V. Hart, baseado na obra de Bram Stoker . EUA, Columbia Pictures / American Zoetrope / Osiris Films 1992. 130 minutos

BULFINCH, Thomas. *O livro de mitologia: história de deuses e heróis*. Tradução de Davis Jardim Junior. Ediouro: Rio de Janeiro, 2005.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.
Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.1337-1356

CALVELLI, Haudrey Germiniani. Um olhar antropológico sobre as benzedeadas, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira. In: *Revista de Ciências Humanas*, 2011. Viçosa, v. 11, n. 2, p. 359-373.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva,. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DIAS, Maria Heloisa Martins; OLIVEIRA, Sonia Helena; PITERI, Raymundo. (Orgs.). *A literatura do outro e os outros da literatura*. São Paulo: UNESP, 2012.

ESOPO. *Fábulas*. (500 a.C.). Tradução de Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 1997.

FREIRE, Antônio. *Selecta Grega*. 3 ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1953.

FAUR, Mirella. Mistérios nórdicos: deuses, runas, magias, rituais. São Paulo: Pensamento, 2007.

JOBIM, Antônio Carlos. Águas de Março. In: *Matita Perê*. Direção de produção: Eduardo Athayde. Columbia, New York: Philips, 1973. Long Play 12.

JOHNSON, Anne; BOUNDS, Keith. Interior Landscape Plants For Indoor Air Pollution Abatement. 1989. Disponível em: <http://ntrs.nasa.gov/archive/nasa/casi.ntrs.nasa.gov/19930073077_1993073077.pdf>. Acesso em 28. dez. 2011.

LEITE, Arley. O crânio Mesoamericano: ressonâncias do Barroco ao Ultrabarroco. In: *Palíndromo: Teoria e História da Arte*. Florianópolis: Universidade do Estado De Santa Catarina – UDESC, 2011. n.6, p. 53-75.

MARTINEZ, Adriana Garcia. Urubu, o novo patinho feio. *Superinteressante*, v. 105, junho, 1996, Disponível em< <http://super.abril.com.br/mundo-animal/urubu-novo-patinho-feio-436567.shtml>>. Acesso em 14. abr. 2012.

MENDLOWICZ, Eliane. O luto e seus destinos. In: *Ágora* [online], 2000. Rio de Janeiro, vol.3, n.2, pp. 87-96. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15161498200000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 Jun. 2012.

MURRAY, Alexander S. *Quién es quien en la mitología*. M. E. Editores, S. L.: Madrid, 1997.

NASCIMENTO, Isabela Belchiol do; SILVA, Ana Lucia Rodrigues da; LIMA, Jaqueline Rabelo de. *Toxinas naturalmente presentes em alimentos: Um risco potencial*. Disponível em:

<http://www.annq.org/congresso2007/trabalhos_apresentados/T95.pdf>. Acesso em 26. Jul. 2012.

NASCIMENTO, Ticianny Melo do. *Estaquia foliar como método de propagação de sanseviérias (Sansevieria trifasciata e Sansevieria sp.)*. 2004. 91fls. Dissertação (Mestrado) – Instituto Agrônômico Campinas. Campinas, SP, 2004. p. 23.

NOSFERATU, Eine Symphonie des Grauens (Nosferatu, uma Sinfonia do Horror). Produção de Enrico Dieckmann e Albin Grau. Direção de F.W. Murnau. Roteiro de Henrik Galeen, baseado em livro de Bram Stoker. Alemanha: Prana-Film, 1922. 80 minutos.

PALUMBIERI, Sabino. Lo Scasso Supremo: la morte. In: *L'uomo, questo paradosso*. Roma: Urbaniana University Press, 2000.

TIMÓTEO, Vanderlei Oliveira de. *A notícia da morte na capa do jornal: um estudo da midiatização da morte na notícia sobre mortos que é capa do jornal Estado de Minas*. 2010. 115f. Dissertação de Mestrado (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). Belo Horizonte, 2010.

TRABANCO, Pedro Jesús Lopez. Estudio lingüístico de la fitonimia científica de las orquídeas desde una perspectiva multidisciplinaria. *Boletín de lingüística*, Caracas,

v. 21, n. 32, dic. 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0798-97092009000200005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 27 jul. 2012.

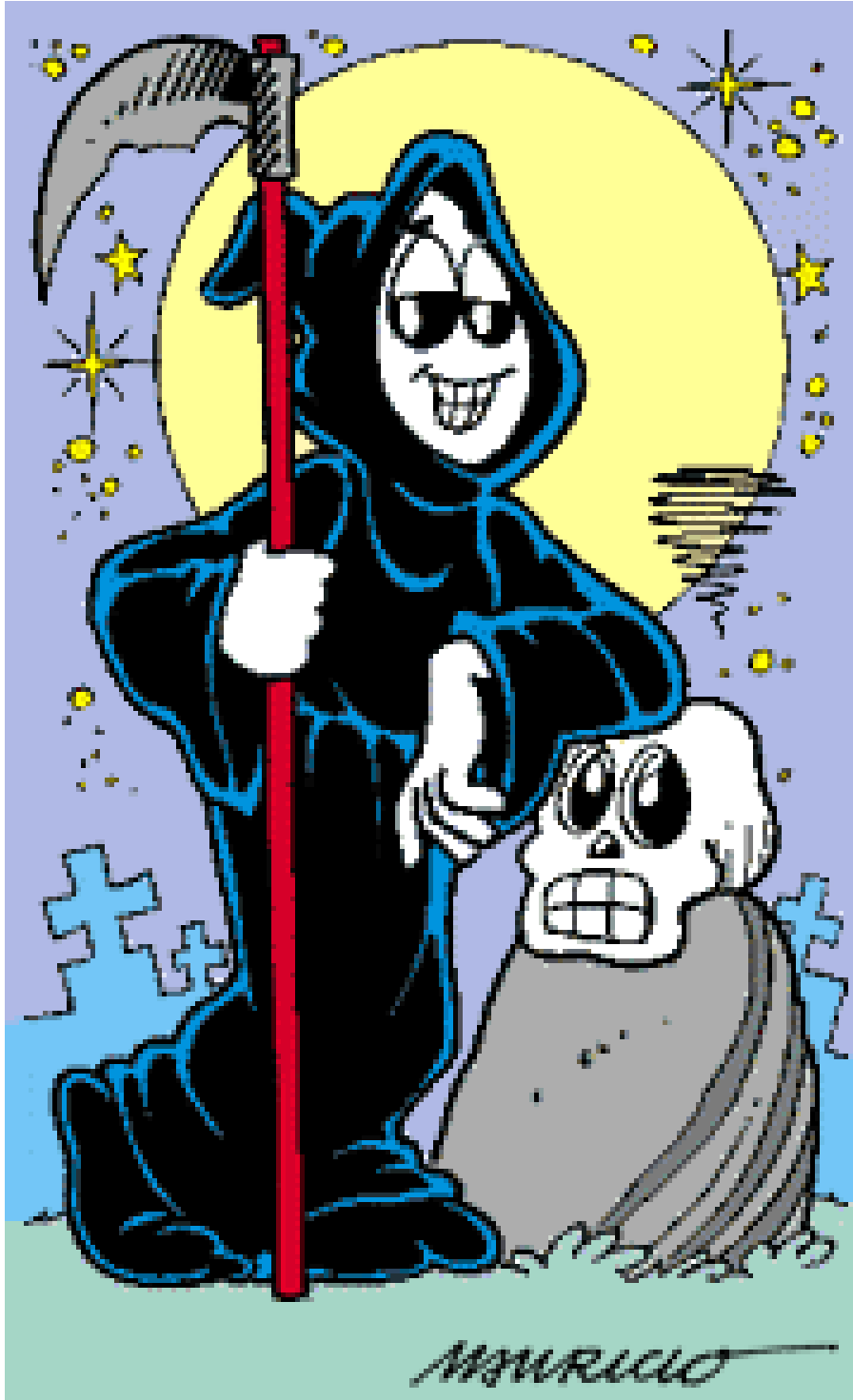
Anexo 1

Símbolo da morte: Caveira Encapuzada



Anexo 2

Dona Morte



Anexo 3

Death



Anexo 4

Mictlanteucuhli: deus asteca do mundo dos mortos



Anexo 5

Orquídea “drácula símia”

